

OS ATENIENSES FORA DA ÁTICA NO PERÍODO CLÁSSICO
The Athenians out of Attica in the Classical Period

Catherine Saint Pierre-Hoffmann

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



Os atenienses fora da Ática no período clássico

Catherine Saint Pierre-Hoffmann¹

Traduzido por Lidyanne Carderaro²

Revisão Técnica de Airton Pollini e Fábio Vergara Cerqueira

Resumo: O vasto movimento de fundações de *apoikiai* da época arcaica parece quase não ter chegado até Atenas (PÉBARTHE, 2009, p.367, p.373-374)³, em comparação com outras cidades como Corinto ou Mileto. As fontes são assim raras para evocar as poucas fundações atenienses da época arcaica. Por outro lado, a documentação sobre a época clássica – seja ela contemporânea ou mais tardia – enaltece a cidade da Ática, como ocorre em muitos outros assuntos. No entanto, a instalação de atenienses fora de Ática apresenta uma face bastante diferente do movimento de colonização do período arcaico – como é o caso de muitas das fundações da época clássica. Esta presença fora da cidade se insere, no caso de Atenas, em um âmbito específico. No século V a.C. a Liga de Delos (478 a.C.) permitiu a Atenas exercer uma forma de dominação sobre o território de algumas cidades aliadas. Se a derrota de Atenas em 404 a.C. marca um declínio da cidade no mundo grego, este é apenas temporário. No quarto século, antes da chegada dos macedônios, Atenas consegue se impor a muitas cidades por meio da segunda confederação de Atenas (377 a.C.). Não se trata de abordar aqui o conjunto das fundações do período clássico, mas sim de ver quais são as formas das instalações dos atenienses fora da Ática e de tentar identificar as eventuais mobilidades que isto gerou.

Palavras-chave: Colonização; Clerúquias; Migração ateniense

Abstract: The vast movement of *apoikiai* foundations of the archaic period seems to have had little effect on Athens (PÉBARTHE, 2009, p.367, p.373-374)⁴, in comparison with other cities such as Corinth or Miletus. The sources are therefore rare to evoke the few Athenian foundations of the archaic period. On the other hand, the documentation of the classical period – be it contemporary or later – makes, as for many subjects, the fair share of the city of Attica. However, the installation of Athenians out of Attica presents a face quite different from the settlement movement of the archaic period – as well as many other foundations of the classical period. This presence outside the city of origin, in the case of Athens, is a rather specific setting. In the fifth century, the League of Delos (478 BC) allowed Athens to exercise a form of domination over the territory of some allied cities. If the defeat of Athens in 404 marks a decline of the city in the Greek world, it is only temporary. In the fourth century, before the arrival of the Macedonians, Athens, by means of the second Athenian confederation (377), succeeds in setting its grip in many cities. It is not a question here of approaching all the foundations of the classical period, but of seeing what are the forms of Athenian installations outside Attica and of trying to identify possible mobilities that it generates.

Keywords: Colonization; Cleruchies; Athenian migration

¹ Doutora, Professeure agrégée (professor secundarista por concurso nacional) d'histoire-géographie, UMR 8210 AnHiMA (Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques), França.

² Doutoranda em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

³ No século VI a.C., os atenienses se instalam em Salamina, mas não na forma de clerúquia. Trata-se de uma extensão territorial. As raras instalações mais longe são consequência de empresas individuais como aquela de Milcíades no Quersoneso da Trácia.

⁴ In the sixth century, the Athenians settled in Salamis, but not in the form of a colony. It is a territorial extension. The few more distant installations are the result of individual enterprises such as Miltiades in Chersonese of Thrace.

AS DIFERENTES FORMAS DE INSTALAÇÃO NO PERÍODO CLÁSSICO

A presença ateniense fora da Ática é multiforme e, sobretudo, difícil de assimilar. A documentação, tanto proveniente da tradição literária quanto epigráfica, oferece uma visão complexa e às vezes confusa dos atenienses que viviam longe de sua cidade.

A cidade de fato utilizou diversas formas de ocupação fora de seu território. Elas podiam ser na forma de *apoikiai* no sentido mais tradicional, como as fundações de Túrio no Sul da Itália (444 a.C.) ou de Anfípole na Trácia (437-6 a.C.). Essas fundações panelênicas não foram os únicos movimentos de população. As fontes mencionam os *epoikoi*, termo que designa mais frequentemente os colonos enviados para reforçar o povoamento de uma colônia em uma época posterior à fundação, que Atenas regularmente enviou a suas colônias ao longo do séc. V a.C. Essas “colônias” apresentam numerosos problemas aos historiadores, que hesitam em ver nelas verdadeiras cidades autônomas. Mas a menção nas fontes aos colonos – com ou sem seu étnico – evocam as *poleis*, mesmo se estreitamente inseridas no jogo militar de Atenas. Essas colônias – *apoikiai* – áticas frequentemente são cidades que tinham sido esvaziadas de seus habitantes, que são substituídos por colonos atenienses. Este é o caso de Ciro, em 476 a.C., em seguida à intervenção de Címon, ou de Hestieia, na ilha de Eubeia, em 445 a.C., em punição pela execução dos soldados atenienses durante a guerra sagrada de 446 a.C.⁵, ou também de Lemnos colonizada a partir do Quersoneso por Milcíades na virada dos séculos VI e V a.C.⁶ O caso de Egina é igualmente ambíguo. Em 431 a.C., uma parte dos cidadãos de Egina foi expulsa da cidade e os atenienses se instalaram em seu lugar. O status desses migrantes é um tanto complexo (PÉBARTHE, 2009, p.374-375).

Nem todas as fundações criadas seguiam a uma decisão coletiva da cidade, indivíduos também poderiam tomar a iniciativa da instalação de colonos. Péricles, em expedição ao Mar Negro e em resposta à demanda dos povos de Sinope, em dificuldade, favoreceu a instalação de 600 colonos atenienses voluntários, provavelmente em 437-6 a.C., nas terras confiscadas a uma parte dos cidadãos de Sinope (Plutarco *Péricles* XX 1-2; PÉBARTHE, 2009, p.376-377).

Mas o que vem mais comumente em mente quando se discute a presença de atenienses fora da Ática são as clerúquias. Os historiadores têm dificuldade em definir e determinar com clareza o que são as clerúquias. Para alguns, uma clerúquia é composta de colonos que conservam sua cidadania inicial e formam uma comunidade dependente da cidade de origem (FICUCIELLO, 2013, p.199)⁷. Para outros, as clerúquias são os soldados atenienses que se instalam fora da Ática, membros de guarnições que desfrutam dos rendimentos de um *kleros* tomado das terras da cidade em troca de um serviço militar (GAUTHIER, 1966,

⁵ FIGUEIRA, 2008, p.436-439; GAUTHIER, 1966, p.72; PÉBARTHE, 2009, p.375.

⁶ GRAHAM, 1963, p.127-128; CARGILL, 1995, p.12-15; MOGGI, 2008, p.259-260; FICUCIELLO, 2013, p.197-200.

⁷ A autora resume as diferentes interpretações e definições da clerúquia.

p.73; PÉBARTHE, 2009, p.369). Mas a análise das fontes mostra que, na realidade, essa definição é válida principalmente para o séc. IV a.C. e que atrás desse termo se escondem várias realidades e graus de presença ateniense (FICUCIELLO, 2012, p.199). Para o século V a.C. o termo é mais ambivalente (ZELNICK-ABRAMOVITZ, 2004, p.325). O lapso de tempo que separa os atenienses Tucídides (460-395 a.C.) e Isócrates (436-338 a.C.) é suficiente para testemunhar uma evolução do vocabulário. Quando Tucídides menciona as cidades de Lemnos, Ciros ou mesmo Hestieia, ele emprega o termo *apoikia*. Essas mesmas cidades são evocadas por Isócrates no século IV a.C. sob o vocábulo de clerúquia (GAUTHIER, 1966, p.68). As fontes mais tardias empregam os dois termos de forma equivalente. Assim, por exemplo, para Potideia, a epigrafia menciona o envio de clerucos no séc. IV, mas Demóstenes relata a expulsão dos *apoikoi* ateniense por Filipe da Macedônia, enquanto Diodoro evoca a retirada da guarnição ateniense em 356 (CARGILL, 1995, p.22-23. Demóstenes VI 17, 20; Diodoro XVI 8, 3-5). O termo “clerúquia” parece ser usado para designar dois tipos diferentes de assentamentos atenienses. Em um caso, a dimensão militar é essencial, como em Potideia; no outro, como em Lemnos, haveria também uma dimensão de colônia de povoamento (CARGILL, 1995, p.5-6, GALLO, 2012, p.370).



Figura 01: Cidades onde uma presença ateniense foi atestada na época clássica

Na *História da Guerra do Peloponeso*, Tucídides (III 50, 2) menciona de forma precisa uma clerúquia, Mitilene, na ilha de Lesbos, ao falar sobre a sua revolta em 427-6 a.C.. Como compreender essa distinção feita por Tucídides entre *apoikia* e clerúquia? Não se pode duvidar que o historiador conhecesse as nuances e as diferenças entre os dois modos de instalação (MOGGI, 2008, p.265-267)⁸. Philippe Gauthier propôs interpretar essas diferenças em razão das muitas semelhanças entre esses estabelecimentos e as fundações mais habituais de colônias. Nas cidades que tendemos, de acordo com Isócrates, a colocar do lado das clerúquias, deve-se notar certas semelhanças com as fundações tradicionais. Os migrantes atenienses ocuparam um território supostamente vazio, os habitantes haviam sido expulsos da sua cidade. Os colonos, supunha-se, instalavam-se definitivamente; os lugares haviam sido atribuídos aos colonos de forma definitiva, ao menos até que eles fossem expulsos. Nessas novas cidades, se os laços jurídicos continuam estreitos, isso se dá por razões estratégicas (GAUTHIER, 1966, p.69; ZELNICK-ABRAMOVITZ, 2004, p.327). Mas acabam aí as semelhanças. Nessas “*apoikiai*” os colonos não procuram por mulheres locais, pois inclusive estas últimas haviam sido expulsas ao mesmo tempo que os cidadãos. Os colonos se instalam, com suas mulheres e crianças, em um território já organizado, delimitado (PÉBARTHE, 2009, p.368).

Os casos de Mitilene ou de Cálcis, na Eubeia, apresentam um outro aspecto que justifica a distinção operada por Tucídides. As cidades conquistadas após uma revolta (Cálcis em 446 e Mitilene em 428 a.C.), foram obrigadas a receber clerucos. Mas os cidadãos dessas cidades não foram sujeitos a uma expulsão generalizada – somente aqueles que estiveram por trás da revolta, os aristocratas, foram forçados a deixar suas casas⁹. A cidade permanece então. As terras confiscadas desses aristocratas são transformadas em *kleroi* destinadas a financiar a guarnição de soldados atenienses deixada no lugar, essas instalações de guarnição consideradas temporárias. Outra distinção maior: o colono que recebe um *kleros* é proprietário de pleno direito e pode usar como bem entender, enquanto que o cleruco não é proprietário do *kleros* concedido, ele é somente depositário. Uma outra análise desta passagem de Tucídides traz uma nova visão. Nas fontes atenienses, Salamina às vezes é apresentada como uma clerúquia ateniense. A proximidade imediata da ilha em relação ao resto da Ática não exclui o exercício de prerrogativas relacionadas à cidadania pelos atenienses que vivem em Salamina. No caso de Mitilene, é impossível apagar a distância entre a ilha de Lesbos e a Ática. O status de clerúquia permitiria que os habitantes de Mitilene instalados permanentemente conservassem sua cidadania ateniense (MOGGI, 2008, p.261-262). A terra de uma clerúquia é considerada como *demosia*, ou seja, propriedade comum da cidade ateniense. Não sendo uma fundação, os clerucos não têm um

⁸ Os assentamentos conheceram modificações na sua estrutura e no seu status, explicando a evolução do vocabulário empregado pelos historiadores Heródoto e Tucídides. Outros historiadores explicam as variações de vocabulário em Tucídides como uma confusão que o autor faria entre *apoikia* e clerúquia. Ver FICUCIELLO, 2013, p.215.

⁹ Em Cálcis, segundo Eliano, as terras dos *Hippobotai* (aristocratas) foram divididas em 2.000 lotes para os atenienses que consagravam uma parte e alugavam o resto (GAUTHIER, 1966, p.71). Em Mitilene, cidade da ilha de Lesbos, os aristocratas recebiam o nome de *dunatoi* (poderosos).

fundador a quem render um culto, nem mesmo precisam justificar através de mitos sua presença (PÉBARTHE, 2009, p.369). Além dessas dificuldades semânticas, no século V, as cidades que recebem clerúquias atenienses são relativamente pouco numerosas. As melhores candidatas são, além de Mitilene e Cálcis já mencionadas, Naxos e Andros, que se situam nas Cíclades (FIGUEIRA, 2008, p.446, 448).

A ambiguidade do status dessas poses atenienses fora da Ática é ressaltada no final do conflito contra Esparta, que termina em 404 a.C. Atenas reivindica a propriedade de certas cidades situadas fora da Ática: Imbros, Círos e Lemnos. Esses três lugares, que haviam sido designados por Tucídides como sendo *apoikiai*, foram depois objetos de difíceis negociações entre atenienses e espartanos no final da Guerra do Peloponeso. Essas ilhas eram povoadas por atenienses, que substituíram a população expulsa. Consideradas como *apoikiai*, teoricamente autônomas, Atenas não poderia ter exigido a propriedade. Para que os espartanos pudessem reconhecê-las como atenienses, era necessário insistir na importância dos laços cívicos que uniam esses indivíduos aos atenienses. Portanto, para manter essa ligação, esses insulares não eram mais considerados como colonos, mas como clerucos, explicando o deslize semântico. Por intermédio desta requalificação, as ilhas seriam integralmente ocupadas por clerucos atenienses, justificando as reivindicações de Atenas. De fato, o cleruco no período clássico conservava sua cidadania, o que normalmente não era o caso do colono (*apoikos*) (FIGUEIRA, 2008, p.448; PÉBARTHE, 2009, p.370; GRAHAM, 1983, p.169). Entretanto, observa-se repetidamente que o colono ateniense podia ter dupla identidade, uma dupla cidadania, por exemplo em Lemnos ou em Hestieia, e também em Egina (PÉBARTHE, 2009, p.375)¹⁰. De fato, parece que nas *apoikiai* situadas em cidades já existentes os colonos cidadãos atenienses não perdiam sua cidadania, mas sim se beneficiavam de uma dupla identidade, equivalente ao estatuto jurídico dos indivíduos beneficiados por um acordo de simpolitia (*sympoliteia*) (PÉBARTHE, 2009, p.372-373).

No séc IV a.C. as clerúquias atenienses estão em seu apogeu. Embora formalmente proibidas pelo decreto de Aristóteles¹¹, que continha as cláusulas da Segunda Confederação (377 a.C.), observa-se uma multiplicação dessas instalações fora da Ática a partir dos anos 360 a.C. Desde 366 a.C., Samos foi libertada da tutela persa e a guarnição foi substituída por clerucos atenienses. Em 361 a.C., uma outra criação de clerúquia merece atenção aqui. Trata-se da cidade de Potideia, que demandou oficialmente a Atenas que lhe enviasse clerucos (IG II 114; ver BRUN, 2005, n. 59). A cidade da Calcídica da Trácia, que entrou no órbita ateniense em 364 a.C., por ocasião da expedição do estrategista Timóteo, passa distúrbios internos. A facção democrática que parece ter tomado o poder a favor da intervenção ateniense na região foi, sem dúvida, fragilizada pelas ameaças internas e externas (CARGILL, 1995, p.22). Potideia não fazia parte das cidades signatárias da Confederação de 377 a.C., e não era então coberta pelas garantias de não intervenção. De um

¹⁰ Egina foi descrita por Tucídides como uma *apoikia*.

¹¹ Magistrado ateniense do início do séc. IV que não se deve confundir com o célebre filósofo (N.d.R.)

ponto de vista legal, Atenas não rompeu seus compromissos. Salientado repetidamente no decreto sobre a iniciativa dos potideatas, Atenas se livra preventivamente da acusação de desrespeitar essa cláusula (BRUN, 2005, n. 59; WORTHINGTON, 2000, p.235-236).

Existiram outras formas de controle sobre o território de uma outra cidade. Diversos documentos evocam a existência de propriedades privadas situadas em outras cidades mas pertencentes a cidadãos atenienses do século V a.C. Pode-se perceber, a partir da estela dos hermocópidas, que apresenta o nome dos atenienses condenados no processo da emasculação das estátuas de Hermes que atingiu a vida política de Atenas pouco antes da partida dos atenienses para a expedição da Sicília (415 a.C.); ou também a partir do decreto de Aristóteles, descrevendo os termos e o funcionamento da Segunda Confederação Ateniense em 377 a.C.¹². Por exemplo, a estela dos hermocópidas menciona um certo Adimanto, de quem foi confiscado um domínio em Tasos, e que outros condenados tinham bens em Abidos e na Eubeia (GAUTHIER, 1973, p.163-178). Está excluída a possibilidade de que se tratem de terras de clerúquias. Além disso, nas cláusulas da Segunda Confederação Ateniense, Atenas se engaja em restituir todas as terras públicas ou privadas possuídas pelos atenienses fora da própria cidade, mas também em não adquirir qualquer outra no futuro, garantia sem dúvida desejável para os futuros membros. Esta cláusula permite sustentar a hipótese de que os atenienses eram proprietários de terras situadas em outras *poleis* durante a dominação ateniense no século V a.C. Esta situação levanta um problema complexo de ordem jurídica por causa do status de cidadão, que normalmente confere o privilégio de poder possuir terras da cidade, prerrogativa interdita aos não-cidadãos. Portanto, a questão da existência de propriedades privadas pertencentes a atenienses fora da Ática é problemática. Existem meios legais de possuir essas terras: por casamento ou por *enktesis*; mas esse privilégio, de ter o direito de possuir terras, era raramente concedido por uma cidade. Essas terras devem ter sido adquiridas por atenienses de diferentes maneiras: ao ganhar um processo contra um cidadão de uma outra cidade – nesses casos aquele que levou o processo em justiça recebe dois terços da multa imposta – ou ainda pelo sistema de empréstimo. No mundo grego, os empréstimos eram garantidos com a terra. Em caso de não pagamento, o credor se apossava dos bens hipotecados. Os ricos atenienses emprestavam dinheiro tanto para particulares quanto para cidades em falência ou insolventes. Portanto, a posição dominante de Atenas e o papel dos sicofantas estigmatizados por Aristófanes e Xenofonte tinham certamente favorecido esses proprietários. Em tempos normais, o cidadão ateniense deveria vender essa terra a um co-cidadão do condenado e ficar somente com o dinheiro da venda. Mas o medo do poderio de Atenas sem dúvida favoreceu o abandono por parte de muitas cidades de algumas de suas prerrogativas. Em todo caso, esses proprietários atenienses que pertenciam, sem dúvida nenhuma, às duas classes sensíveis mais elevadas, os pentacosiomédímnios e os *hippeis*, continuavam a viver em Atenas.

¹² Algumas cláusulas desse decreto permitem deduzir o funcionamento da Liga de Delos do séc. V a.C.

UMA PRESENÇA ATENIENSE FORA DE ATENAS QUE PARECE RARA

Seja através das colonizações mais tradicionais ou das clerúquias, a questão da mobilidade dos atenienses e, especialmente, a importância do movimento, surge inevitavelmente.

Durante a revolta de Mitilene, em 428-7 a.C., os atenienses adotaram diversas medidas, dentre as quais o confisco de uma parte do território transformado em 3.000 lotes. Mitilene é de muitas maneiras uma clerúquia fora da regra. A quantia de 3.000 lotes (dos quais 300 eram reservados à deusa Atena) não pode ser considerada como reflexo do número de atenienses no lugar, embora certos historiadores o afirmem. Os historiadores que acreditam que essa cifra seja realista podem conceber a possibilidade de um envio desse porte somente na medida em que este seja temporário (GAUTHIER, 1966, p.78-79). Aqueles que questionam esse número se apoiam na situação demográfica de Atenas de então. Um desfalque de 2.700 soldados cidadãos era impensável nessa época (427-6 a.C.), pouco depois das perdas humanas massivas dos primeiros anos de guerra.

Geralmente os clerucos do séc. V a.C. não eram muito numerosos, e mobilizavam apenas algumas centenas de indivíduos. No séc. IV a.C. a situação parece evoluir. O retorno de Atenas ao cenário político marcado pela vitória de Cónon em Cnidos, em 394 a.C., está associado ao desenvolvimento das clerúquias a partir dos anos 360 a.C. Samos, onde a população foi expulsa em 365 a.C., parece ter recebido em algumas décadas cerca de 12.000 famílias de clerucos. Essa imagem parece mesmo excepcional porque representa cerca de um terço dos cidadãos atenienses dessa época. Essa ocupação enviou para o exílio, durante 43 anos, sâmios que encontraram nas outras cidades simpatia e asilo, notadamente em razão da hostilidade no que diz respeito a Atenas, que retomou práticas fortemente contestadas (CARGILL, 1995, p.35-40; HABICHT, 1996, p.398-401)¹³.

A mobilidade dos atenienses é certamente modesta, como evidenciado pelo número de colonos atenienses participantes das fundações panelênicas. As colônias de Anfípole e Túrio são constituídas por apenas um milhar de atenienses, de um número total de 10.000 colonos em Túrio. Igualmente em Hestieia, os colonos atenienses teriam sido 2.000, no máximo (PÉBARTHE, 2009, p.378)¹⁴. Os historiadores estimam que o número de atenienses instalados fora da cidade seria da ordem de 12.000 colonos e 8.000 a 9.000

¹³ Samos foi restituída aos sâmios por Alexandre em 324 a.C., mas os sâmios não puderam retornar à pátria até 321 a.C., após o fracasso da revolta de Atenas e das cidades gregas contra o domínio macedônio que se seguiu à morte de Alexandre.

¹⁴ O historiador releva que, além de Hestieia, com seus 2.000 colonos, o número de 1.000 colonos aparece três vezes no séc. V a.C.: Potideia, Breia (ou pelo menos a Trácia) e para os reforços no Quersoneso. Melos recebe 500 colonos e Sinope, 600.

clerucos, que perfazem 10% da população (FIGUEIRA, 2008, p.443 e ver tabelas p.508-510; PÉBARTHE, 2009, p.379).

As motivações desses homens, cidadãos atenienses, que aceitavam deixar sua pátria para se instalarem em outros lugares, estão longe de serem evidentes e geram debate. Ignoramos tudo sobre a forma de recrutamento. Além disso, a origem social desses homens que deixavam a Ática é difícil de determinar e as fontes são contraditórias. No que diz respeito às clerúquias, observa-se que, pouco tempo depois do envio dos clerucos, os mitilenos tinham de pagar um aluguel para cada lote de terra, *kleros* (IG I³ 66). É possível que os clerucos não trabalhassem diretamente os seus próprios lotes. Esta soma servia para financiar a manutenção de uma guarnição suficiente para defender a cidade, desprovida de muralhas, as quais haviam sido destruídas em represália à revolta¹⁵. As terras, anteriormente propriedades dos *dunatoi*, eram cultivadas por pequenos agricultores locais, que obtinham daí um certo lucro. Mas não se deve generalizar o caso de Lesbos a todos as clerúquias¹⁶.

O montante dos alugueis dessas terras era um tanto modesto, da ordem de duas minas por ano¹⁷, e correspondia ao montante do soldo de um soldado ou de um mercenário no séc. V a.C.¹⁸. É pouco provável que os lotes de terras atribuídos proporcionassem uma renda tão baixa e que fossem rigorosamente iguais. Portanto, para os clerucos o lote de terra não constituía uma fonte de enriquecimento possível, mas representava seu soldo em espécie. Consequentemente, para Philippe Gauthier, os clerucos deveriam pertencer à classe dos zêugitas, os soldados da infantaria, e não dos tetas (GAUTHIER, 1973, p.163-178).

Esta hipótese não é, contudo, aceita unanimemente. Frequentemente, as clerúquias foram interpretadas como o meio de fazer face a um excedente demográfico. Ora, a cidade, que havia conhecido uma importante perda demográfica durante os primeiros anos da Guerra do Peloponeso, assim como em razão da “peste” que matou, entre outros, Péricles, não podia se permitir separar-se de uma parte importante e estratégica da população. A origem social dos clerucos seria mais provavelmente buscada nos tetas, a quarta e mais pobre das classes censitárias de Atenas. Favorecer o desenvolvimento econômico dos tetas foi uma forma de Atenas reforçar a terceira classe censitária, a classe dos zêugitas, na qual se recrutavam os indispensáveis hoplitas, permitindo a passagem dos tetas para a classe dos zêugitas (PÉBARTHE, 2009, p.382-384). Essa hipótese levantada por Christophe Pébarthe é corroborada pela localização da maior parte das clerúquias. Fora a notável excessão de Mitilene, na ilha de Lesbos, elas

¹⁵ Parece que os atenienses teriam permanecido nas cidades da ilha de Lesbos (exceto Metimna) até o fim da Guerra do Peloponeso. SALOMON, 1997, p.198-200.

¹⁶ Zelnick-Abramovitz estima no entanto que esse sistema era generalizado para todas as clerúquias. Pébarthe pensa que certos clerucos residentes cultivavam eles próprios a terra do *kleros* que havia alocado (PÉBARTHE, 2009, p.382).

¹⁷ Um acordo entre Atenas e Mitilene fixa em duas minas por ano e por *kleros* o aluguel a pagar em troca da terra. Tucídides III 50, 2. PÉBARTHE, 2009, p.382.

¹⁸ O soldo foi calculado como sendo de uma dracma/dia por oito meses de mobilização no início do séc. V a.C., representando duas minas por ano. PÉBARTHE, 2009, p.382.

estavam situadas próximas à Ática, permitindo aos clerucos que se instalavam manterem contato com a própria cidade. Alguns clerucos eram, sem dúvida, trabalhadores rurais agrícolas e aqueles que não eram acostumados ao trabalho da agricultura provavelmente alugavam suas terras aos agricultores locais (FIGUEIRA, 2008, p.438).

O grupo socioeconômico a que pertenciam os colonos foi também objeto de diferentes interpretações. O decreto estabelecido para a fundação de Breia, no Adriático (446-5 a.C.), evoca as restrições quanto ao nível social dos colonos (*JG I*³ 46). Os membros das duas primeiras classes censitárias estavam excluídos dessas empresas de refundação¹⁹. Contudo, muitos elementos vieram a nuançar esta imagem. Com certeza, os menos afortunados podiam esperar um benefício importante de uma instalação em uma colônia, principalmente na forma de terras. Mas a nova cidade não podia prescindir da presença de um grupo economicamente dominante, capaz de suportar certas despesas cívicas como no modelo das liturgias atenienses e, sobretudo, de participar como cavaleiros na defesa da cidade (FIGUEIRA, 2008, p.439; PÉBARTHE, 2009, p.381)²⁰.

As vicissitudes políticas que sacudiram o mundo grego durante o período clássico tiveram repercussões sobre os movimentos populacionais. Assim, Lisandro, o navegador espartano, impõe a aniquilação da *arche* de Atenas após a Guerra do Peloponeso. Para isso ele procura dismantlar a rede que a cidade havia preparado através, principalmente, das colônias e clerúquias. Os habitantes de Egina, de Melos e mesmo de Sícion, expulsos da própria cidade por Atenas no tempo de sua hegemonia, foram restabelecidos em suas cidades, expulsando por sua vez os *epoikoi* atenienses. Mas esses retornos nem sempre eram possíveis, como em Ciro, onde os antigos habitantes não eram mais suficientemente numerosos para considerarem a possibilidade de voltarem a viver na própria cidade. A chegada dos macedônios, que marca o fim da expansão ateniense fora de suas fronteiras, leva certamente a uma repatriação dos clerucos instalados havia pouco na região do Quersoneso. Se esses movimentos são bem atestados, por outro lado sua importância deve ser fortemente relativizada. É pouco provável que a maioria dos habitantes de origem ateniense situados fora da Ática teriam se deslocado novamente (FIGUEIRA, 2008, p.462, 496).

¹⁹ Outras fontes vêm reforçar essa ideia. Plutarco, na *Vida de Péricles* (XI 5-6), relata que o objetivo de Péricles ao enviar colonos ao Quersoneso era de afastar os pobres e inativos de Atenas (PÉBARTHE, 2009, p.379).

²⁰ Muitas fontes evocam os colonos ricos. É o caso de Aristonte, o pai de Platão, um *hippeus* que fez parte do grupo de colonos atenienses em Egina. Além disso, em Hestieia, o aumento da *eisphora* é a prova que nem todos os colonos eram pobres.

BIBLIOGRAFIA

- BRUN, P. *Impérialisme et démocratie à Athènes. Inscriptions de l'époque classique*. Paris: Armand Colin, 2005.
- CARGILL, J. *Athenian settlements of the fourth century B.C.* Leiden, New York, Köln: Brill, 1995.
- FICUCIELLO, L. *Lemnos : cultura, storia, archeologie, topografia di un'isola del Nord-Ege, Monografie della scuola archeologica di Atene e delle missioni italiane in oriente*, XX, 1/1, Lemno 1,1, Athènes, 2013.
- FIGUEIRA, Th. « Classical Greek Colonization ». IN: G.R. TSETSKHLADZE (ed.). *Greek Colonisation. An Account of Greek Colonies and Other Settlements Overseas. Volume 2. Mnemosyne Supplementum 193*. Leiden and Boston : Brill, 2008, p. 427-523.
- GALLO, L. « Le strutture istituzionali delle cleruchie ateniesi » *ASAtene* 88, 2010 (2012), p.365-370.
- GAUTHIER, Ph. « Les clérouques de Lesbos et la colonisation athénienne au V^e s », *REG* 79, 1966, p.64-88.
- GAUTHIER, Ph. « A propos des clérouques athéniennes du V^e siècle ». IN: M. FINLEY (dir.). *Problèmes de la terre en Grèce ancienne*. Paris: Mouton, 1973, p.163-178.
- GRAHAM, A. J. « The fifth century cleruchy on Lemnos », *Historia: Zeitschrift für alte Geschichte*, 12, 1, 1963, p.127-128.
- GRAHAM, A. J. *Colony and Mother City in Ancient Greece*. 2^a ed. Chicago: Ares, 1983.
- HABICHT, Chr. « Athens, Samos, and Alexander the Great ». *PAPhS*, 140, 1996, p.397-405.
- MOGGI, M. « Fra apoikia e kleroukia ». IN: E. GRECO; E. PAPI (dir). *Hephaestia 2000-2006. Ricerche e scavi della Scuola archeologia italiana di Atene in collaborazione con il Dipartimento di archeologia e storia delle arti dell'Università di Siena. Atti del seminario, Siena, Certosa di Pontignano, 28-29 maggio 2007 (Tekmeria 6)*, Fondazione Paestum-Pandemos, 2008, p.259-270.
- PEBARTHE, Ch. « Émigrer d'Athènes. Clérouques et colons aux temps de la domination athénienne sur l'Égée au V^eme siècle a.C. ». IN: KAISER, W., Cl. MOATTI et Chr. PÉBARTHE (textes réunis par). *Le monde de l'itinérance en Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne*. Bordeaux: Ausonius, 2009, p.367-390.
- SALOMON, N. *Le cleruchie di Atene, caratteri e funzione*. Pise : Edizioni ETS, 1997.
- WORTHINGTON, I. « Demosthenes, Philippic 2.20 and Potidaea the apoikia ». *Hermes* 128, 2000, p.235-236.
- ZELNICK-ABRAMOVITZ, R. "Settlers and Dispossessed in the Athenian Empire". *Mnemosyne*, 57, 3, 2004, p.325-345.

Recebido em: 28/06/2017

Submitted in: 28/06/2017

Aprovado em: 12/09/2017

Aproved in: 12/09/2017

Publicado em: 24/06/2018

Published in: 24/06/2018